

Revista de Comunicação Científica: RCC

+ **Revista
de Comunicação
Científica: RCC**



ARTIGO

**TERRITÓRIO, ESPAÇO E PODER NA EXPANSÃO
DA OTAN PARA O LESTE EUROPEU**

*Territory, Space, and Power in NATO's Expansion to
Eastern Europe*

*Territorio, Espacio y Poder en la Expansión de la
OTAN hacia Europa del Este*

Nanice da Silva Roque

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UNEMAT), Campus de Cáceres, Bolsista CNPq.

Orcid: 0009-0004-3431-9316

Email: nanice.roque@unemat.br

Vinicius Modolo Teixeira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UNEMAT), Campus de Cáceres.

Orcid: 0000-0002-1743-242X

Email: vinicius.teixeira@unemat.br

Como citar este artigo:

ROQUE, Nanice da S.; TEIXEIRA, Vinicius M. Território, Espaço e Poder na Expansão da Otan para o Leste Europeu. **Revista de Comunicação Científica** – RCC, jan./abril, v. 8, n. 21, p. 148-161, 2026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 8, número 21 (2026)

ISSN 2525-670X



TERRITÓRIO, ESPAÇO E PODER NA EXPANSÃO DA OTAN PARA O LESTE EUROPEU

Territory, Space, and Power in NATO's Expansion to Eastern Europe

Territorio, Espacio y Poder en la Expansión de la OTAN hacia Europa del Este

Resumo

O presente trabalho analisa a expansão da OTAN para o Leste Europeu a partir das categorias de território e espaço, enfatizando suas implicações geopolíticas na configuração do poder regional. Fundamentado na Geografia Crítica e em pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, revisita os principais marcos históricos desse processo, evidenciando a relevância da territorialização e do controle estratégico do espaço como instrumentos de projeção de poder. Examina, igualmente, a ambivalência dessa dinâmica, que simultaneamente reforça a segurança dos Estados-membros e intensifica tensões com a Rússia, comprometendo o equilíbrio regional. Conclui propondo reflexão crítica sobre soberania, estabilidade e governança compartilhada.

Palavras-chave: Território. Espaço. Leste Europeu. OTAN.

Abstract

This study analyzes NATO's eastward expansion through the categories of territory and space, emphasizing its geopolitical implications for the configuration of regional power. Grounded in Critical Geography and based on qualitative bibliographic and documentary research, it revisits the main historical milestones of this process, highlighting the relevance of territorialization and the strategic control of space as instruments of power projection. It also examines the ambivalence of this dynamic, which simultaneously reinforces the security of member states while intensifying tensions with Russia, undermining regional balance. The study concludes by proposing a critical reflection on sovereignty, stability, and shared governance.

Keywords: Territory. Space. Eastern Europe. NATO.

Resumen

El presente trabajo analiza la expansión de la OTAN hacia el Este europeo a partir de las categorías de territorio y espacio, enfatizando sus implicaciones geopolíticas en la configuración del poder regional. Fundamentado en la Geografía Crítica y en una investigación cualitativa de carácter bibliográfico y documental, revisita los principales hitos históricos de este proceso, evidenciando la relevancia de la territorialización y del control estratégico del espacio como instrumentos de proyección de poder. Examina, igualmente, la ambivalencia de esta dinámica, que simultáneamente refuerza la seguridad de los Estados miembros e intensifica las tensiones con Rusia, comprometiendo el equilibrio regional. Concluye proponiendo una reflexión crítica sobre soberanía, estabilidad y gobernanza compartida.

Palabras-clave: Territorio. Espacio. Europa del Este. OTAN.



Introdução

O conceito de território, na perspectiva da Geografia Crítica, ultrapassa a simples noção de delimitação física de um espaço, envolvendo também relações de poder, controle e apropriação (Gottman, 2012). Já o espaço, entendido como resultado das interações sociais, econômicas e políticas sobre o território (Santos, 2009), configura-se como elemento dinâmico, capaz de ser transformado por interesses estratégicos locais e globais. Esses dois conceitos, interdependentes, oferecem um instrumental teórico fundamental para compreender processos geopolíticos contemporâneos, entre os quais se destaca a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para o Leste Europeu.

Criada em 1949 no contexto da Guerra Fria, a OTAN constituiu-se como uma aliança militar destinada inicialmente a conter a influência soviética na Europa. Com o fim da União Soviética, em 1991, a organização não apenas manteve sua estrutura, como passou a incorporar novos membros oriundos do antigo bloco socialista. Esse movimento de ampliação para o Leste Europeu gerou intensas discussões no campo das Relações Internacionais e da Geografia Política e Geopolítica, uma vez que impacta diretamente o equilíbrio de forças na região e redefine a ocupação estratégica de territórios de alta relevância geopolítica.

A relevância da Geografia Crítica neste estudo está em sua capacidade de articular categorias como território e espaço não apenas como dimensões físicas, mas como construções sociais e políticas. Essa abordagem permite compreender a expansão da OTAN como um processo de reterritorialização e de reorganização do espaço europeu, em que bases militares, fluxos logísticos e narrativas simbólicas são utilizados como instrumentos de poder. Assim, mais do que registrar fatos históricos, este artigo busca interpretar como a geopolítica contemporânea se constrói a partir dessas categorias.

A questão norteadora que orienta este estudo é: como a expansão da OTAN para o Leste Europeu pode ser compreendida à luz das categorias geográficas de território e espaço, e quais suas implicações geopolíticas na configuração do poder na região?

O objetivo geral é analisar a expansão da OTAN para o Leste Europeu com base nas categorias geográficas de território e espaço, evidenciando seus impactos na dinâmica geopolítica regional. Como objetivos específicos, propõe-se:



- a) Compreender os conceitos de território e espaço na perspectiva da Geografia Crítica;
- b) Identificar os marcos históricos e estratégicos da expansão da OTAN após 1991;
- c) Interpretar criticamente as implicações geopolíticas dessa expansão no Leste Europeu.

A relevância desta investigação reside no fato de que a análise integrada entre categorias geográficas e eventos políticos possibilita compreender as transformações nas relações de poder que moldam o cenário internacional contemporâneo. Além disso, contribui para o debate acadêmico sobre os limites e potencialidades das alianças militares em um mundo multipolar em constante reconfiguração.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e analítico, fundamentada no referencial teórico da Geografia Crítica. A investigação se baseia na análise documental e bibliográfica, utilizando obras de autores clássicos e contemporâneos sobre território e espaço, bem como publicações especializadas em geopolítica e relações internacionais. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender a expansão da OTAN para o Leste Europeu não apenas do ponto de vista histórico e político, mas também à luz de conceitos geográficos que possibilitam uma interpretação mais abrangente do fenômeno.

A coleta de dados foi realizada a partir de artigos científicos, livros e relatórios de organismos internacionais, além de documentos oficiais da OTAN e de países envolvidos no processo de expansão. Foram privilegiadas fontes publicadas nas últimas duas décadas, a fim de garantir atualização e relevância, sem desconsiderar referências históricas essenciais para a contextualização do tema.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, buscando estabelecer relações entre os conceitos de território e espaço e os eventos geopolíticos associados à ampliação da OTAN. Essa perspectiva permitiu não apenas identificar marcos históricos e estratégicos, mas também compreender suas implicações no rearranjo do poder regional e global.



Território e espaço: fundamentos conceituais

Na perspectiva da Geografia Crítica, a compreensão do território e do espaço transcende suas definições cartográficas tradicionais. O território, conforme defendido por Raffestin (2009), não é meramente uma superfície delimitada por fronteiras, mas uma área onde as relações de poder são apropriadas e exercidas. Esse poder se manifesta de forma multifacetada, política, econômica, militar, cultural, e está em constante disputa.

Haesbaert (2004) complementa essa visão, argumentando que o território é simultaneamente material e imaterial, forjado tanto pela posse física quanto pela construção de narrativas e símbolos que legitimam a dominação e a identidade de um grupo.

Por sua vez, o espaço, segundo Santos (2009), é um conjunto inseparável de sistemas de objetos (como infraestruturas e tecnologia) e sistemas de ações (práticas sociais, políticas e econômicas) que interagem. Diferente do território, o espaço é fluido, dinâmico e atravessado por redes e fluxos que não se restringem a fronteiras políticas. Essa característica é crucial, pois a disputa pelo espaço não se resume à posse de terra, mas se estende ao controle dos fluxos que por ele circulam, sejam eles de informação, capital, pessoas ou recursos militares.

A interdependência entre esses dois conceitos é o que nos permite entender fenômenos geopolíticos complexos. O território é, em essência, uma produção do espaço; um recorte espacial intencional que busca impor uma ordem e uma territorialidade específicas.

Nesse contexto, essa leitura dialoga tanto com a Geografia Crítica quanto com tradições da Geopolítica Clássica, que já apontavam a importância estratégica do espaço europeu. Ao formular a teoria do *Heartland*, Mackinder (1904) já havia destacado a centralidade da Eurásia para o equilíbrio global. Décadas depois, Spykman (1942) deslocou o foco para *Rimland*, ressaltando a relevância estratégica das bordas leste-europeias. Essa perspectiva foi retomada e atualizada por Brezezinski (1997), que enfatizou como o controle da Europa Oriental permanecia decisivo para a projeção de poder em escala global.

A articulação entre território e espaço é fundamental para analisar a expansão da OTAN no Leste Europeu. Esse processo não é apenas uma ampliação de fronteiras de defesa; é, na verdade, uma estratégia deliberada de reterritorialização. Ao



incorporar novos membros, a aliança militar estende seu território formal e, de maneira mais significativa, projeta um novo espaço de influência estratégica que avança sobre uma área historicamente ligada à esfera russa. Nessa perspectiva, a territorialidade pode ser entendida, segundo Raffestin (1993), como um conjunto de relações sociais e estratégicas que estruturam o espaço de modo a garantir autonomia e controle, articulando poder, recursos e posicionamento geográfico.

Essa dinâmica de territorialidade militarizada se manifesta por meio de mecanismos concretos que vão muito além da assinatura de tratados. Ela envolve a instalação de bases militares, a realização de exercícios conjuntos, a integração de sistemas de comando e controle e a padronização de equipamentos. Esses elementos transformam o espaço europeu oriental em um território sob influência direta da aliança, reconfigurando escalas de atuação militar, corredores logísticos e redes de vigilância.

Além da dimensão material, a expansão da OTAN carrega uma poderosa carga simbólica e discursiva. O discurso de segurança coletiva e defesa da democracia serve para legitimar a projeção de poder, deslegitimando a influência russa e construindo uma nova narrativa de pertencimento geoestratégico. Essa dinâmica desafia a noção tradicional de soberania, pois os novos Estados-membros compartilham suas decisões estratégicas de defesa com uma estrutura supranacional, condicionando suas políticas externas aos interesses da aliança.

Ao interpretarmos a expansão da OTAN sob uma perspectiva crítica, percebemos que não se trata de uma simples resposta às ameaças percebidas, mas de um projeto geopolítico intencional. Esse projeto não apenas desloca a fronteira de segurança mais próxima da Rússia, mas também redesenha o próprio espaço europeu, ao construir novas territorialidades moldadas por interesses político-militares que vão além das necessidades imediatas de defesa dos países envolvidos.

A trajetória e os marcos da expansão da OTAN

A expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para o Leste Europeu é um dos processos geopolíticos mais significativos do período pós-Guerra Fria. Com o colapso da União Soviética em 1991 e o fim do Pacto de Varsóvia, a Europa Oriental e as repúblicas ex-soviéticas se viram em um vácuo de poder e

segurança. A adesão à OTAN, que havia sido criada como um contraponto ao bloco soviético, tornou-se, para muitos desses países, a garantia de que não voltariam a ser dominados por Moscou e de que se integrariam plenamente às estruturas ocidentais (Bertazzo, 2010).

No contexto das alianças militares, a OTAN surgiu como um pilar central dessa hegemonia liberal.

[...] criada pelo Tratado de Washington, um instrumento que estabeleceu simultaneamente seu caráter de aliança militar e sua expressão institucional, na forma de uma organização internacional. Consta do texto original do tratado, redigido em 1949, além das disposições sobre a garantia da paz, entre outras coisas, e sobre segurança coletiva, a forma de sua dimensão institucional: a decisão de estabelecer imediatamente um conselho para que os membros pudessem se reunir a qualquer momento. Este conselho poderia, por sua vez, estabelecer corpos subsidiários, “tantos quantos forem necessários”, e em particular um comitê de defesa (OTAN, 1949, art. 9). Tal agência estaria encarregada de supervisionar o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas para resistir a um ataque armado e organizar os atores para que esta resistência fosse efetiva (Bertazzo, 2010, p. 92).

A estratégia da OTAN foi gradual e deliberada. Iniciativas como o Partnership for Peace (PfP) (Parceria para a paz), lançado em 1994, e o Membership Action Plan (MAP) (Plano de Ação para a Adesão) serviram como mecanismos de pré-territorialização. O PfP permitiu que antigos adversários cooperassem em exercícios militares e planejamentos de defesa, construindo confiança e interoperabilidade antes da adesão formal. O MAP, por sua vez, funcionou como um roteiro para que os países candidatos implementassem reformas políticas e militares necessárias para atender aos padrões da aliança (Teixeira, 2020).

O primeiro grande marco da expansão ocorreu em 1999, com a entrada da Polônia, Hungria e República Tcheca (Fernandes; Silveira, 2023). Esse movimento representou um deslocamento significativo do cordão de defesa ocidental em direção às fronteiras russas, um fato que, segundo analistas como Hunter (2002), já sinalizava a reconfiguração da geopolítica europeia. Sob a ótica da Geografia Crítica, essa expansão materializou o conceito de território estratégico, o controle físico de porções de terra com alto valor geopolítico.

A segunda onda de expansão, em 2004, foi ainda mais abrangente, incorporando sete países: Bulgária, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia e Lituânia (Fernandes; Silveira, 2023). A adesão dos Estados bálticos foi particularmente simbólica, transformando uma antiga "zona tampão" soviética em território formalmente protegido pela OTAN (Mazat; Serrano, 2012). Conforme observa Haesbaert (2004), essa apropriação não foi apenas física, mas também simbólica, já que a aliança passou a projetar sua identidade político-militar sobre regiões com um histórico de intensas disputas de influência.

Segundo Fernandes e Silveira (2023, p. 18),

Esse parece ter sido o limite aceitável pelo Kremlin para a expansão da OTAN, que, desde então, já expressou vários sinais de repulsa a qualquer movimento que considere uma aproximação das antigas repúblicas soviéticas ao ocidente. Tal contrariedade é ainda mais latente quanto se trata da possibilidade de ingresso da República da Ucrânia na OTAN, visto que o seu território é estratégico para a segurança russa desde o reinado de Catarina, a Grande, no século XVIII.

O Encontro de Bucareste, em 2008, marcou um ponto de inflexão. Ao prometer futura adesão à Ucrânia e à Geórgia, a OTAN enviou um sinal que pode ser interpretado como uma territorialização antecipada, reorganizando o espaço de influência antes mesmo da alteração das fronteiras formais. Essa sinalização foi interpretada pela Rússia como uma ameaça direta, intensificando a percepção de que a aliança estava avançando perigosamente em sua esfera de influência (Mielniczuk, 2006).

Essa escalada de tensões se concretizou na crise da Crimeia em 2014, que levou à anexação russa do território e à eclosão do conflito no Donbass, reforçando a percepção russa de cerco estratégico. A resposta da OTAN foi a *Enhanced Forward Presence* (EFP) (A Presença Avançada Aprimorada), um posicionamento de batalhões multinacionais na Polônia e nos países bálticos (Lopes, 2017). Essa medida, como argumenta Palavenis (2025), foi a concretização de uma territorialidade militar que não apenas reforça a capacidade defensiva imediata, mas também envia uma poderosa mensagem de comprometimento político com os membros orientais. O enclave russo de Kaliningrado emergiu como ponto focal nessa disputa, dada sua localização estratégica no Mar Báltico, demonstrando que a competição não se limita

ao controle de terra, mas também à projeção de poder sobre fluxos e conexões marítimas e aéreas.

Essa disputa espacial se expandiu recentemente para o norte da Europa com a adesão da Finlândia (2023) e da Suécia (2024). Essa integração não apenas fortaleceu a segurança do flanco norte da OTAN, mas também transformou o Mar Báltico em um "lago" da aliança. Mais do que isso, a entrada desses países estendeu o espaço estratégico da OTAN para o Ártico, uma região de crescente importância geopolítica devido às suas rotas marítimas e reservas de recursos naturais. Essa nova territorialidade no norte da Europa redefine o mapa político-militar e amplia a complexidade da disputa espacial, inserindo novas dimensões ambientais e econômicas (Silva, 2017).

Segundo Tsygankov (2018), essa expansão gradual provocou tensões evitáveis, ao colocar forças militares e estruturas políticas da OTAN próximas às fronteiras russas. Além disso, esse movimento contribuiu para a percepção de cerco estratégico, minando a estabilidade regional e dificultando o diálogo entre Moscou e os países ocidentais.

Espaço como estratégia: a função geopolítica do Leste Europeu

O Leste Europeu desempenha um papel fundamental na geopolítica contemporânea, transcendendo a visão de um mero conjunto de territórios. Sob a ótica da Geografia Crítica, o espaço é concebido como um campo dinâmico, onde interações materiais e simbólicas se entrelaçam para criar zonas de influência e controle (Santos, 2006). Nesse sentido, a função do Leste Europeu na estratégia da OTAN vai além da simples ampliação territorial; ela implica a construção de um espaço de poder multifacetado que articula fronteiras, infraestruturas e fluxos militares e políticos.

Historicamente, o Leste Europeu foi uma crucial "zona tampão" durante a Guerra Fria, atuando como um espaço intermediário de negociação e rivalidades entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia. A dissolução do bloco soviético, no início dos anos 1990, não diminuiu a relevância geopolítica da região; ao contrário, abriu caminho para sua reconfiguração estratégica.

A expansão da OTAN para essa área pode ser interpretada como uma estratégia deliberada de reterritorialização, ou seja, de incorporação de redes espaciais críticas para a segurança coletiva do Ocidente (Haesbaert, 2004). O desejo dos países da região de se integrarem à OTAN e à União Europeia era, em grande parte, uma forma de romper com essa função histórica de "zona tampão" e garantir sua soberania e pertencimento ao ocidente.

Nesse contexto, a expansão da OTAN, mesmo após o fim da Guerra Fria, foi desde o início um grande ponto de discórdia entre o Ocidente e a Rússia. De um lado, as nações ocidentais defendiam o direito dos países ex-socialistas de escolherem suas alianças. Do outro lado, a Rússia argumentava que a OTAN era uma aliança militar obsoleta e que sua expansão em direção às fronteiras russas era uma provocação e uma ameaça direta à sua segurança.

Segrilo (2024, p. 2) destaca que a expansão da OTAN para o Leste Europeu:

[...] em um contexto em que a Guerra Fria já acabara, foi, desde o início, um ponto de discórdia entre o Ocidente (especialmente os EUA) e a Rússia. Por um lado, os ocidentais afirmavam que era direito dos países (ex-socialistas) do Leste Europeu escolherem a quais alianças e agrupamentos pertencer. Por outro lado, os representantes russos lembravam que a Otan era uma aliança militar da época da Guerra Fria voltada contra a União Soviética e que, já que nem a Guerra Fria nem a URSS mais existiam, não fazia sentido a Otan se expandir ou mesmo existir.

É justamente na tensão entre essas duas narrativas que a nova função geopolítica do Leste Europeu se manifesta. Essa função se concretiza na presença física e estratégica da OTAN na região.

A instalação da EFP nos países bálticos e na Polônia serve como uma "âncora territorial", materializando a capacidade de dissuasão da OTAN. Essa presença militar, composta por batalhões multinacionais, transforma a fronteira oriental da aliança em um espaço vivo, com bases permanentes e infraestrutura de comando, sinalizando o compromisso coletivo de defesa. Além disso, a instalação de sistemas de defesa antimísseis como o *Aegis Ashore* na Romênia e na Polônia mostra como a região se tornou vital para proteger o flanco leste da OTAN de ameaças balísticas (Nato, 2024), reforçando a visão, por parte de Moscou, de que sua segurança está diretamente ameaçada.

O espaço do Leste Europeu também atua como um *hub* estratégico para a projeção de poder, não apenas físico, mas também de fluxos. O controle de rotas terrestres, marítimas e aéreas, essenciais para o movimento de tropas e suprimentos, é central para a estratégia atlântica. A disputa por esses fluxos evidencia que a geopolítica contemporânea vai além da posse de território, envolvendo o comando das redes que o atravessam (Wittmann, 2022).

Dessa forma, compreende-se que o espaço do Leste Europeu funciona como um palco de múltiplas escalas de poder, onde a OTAN atua para moldar uma ordem espacial que garanta sua supremacia estratégica. Essa territorialização do espaço é um processo dinâmico de redefinição de fronteiras, soberania e influência, configurando um sistema geopolítico em contínua negociação e disputa.

Considerações finais

A análise da expansão da OTAN para o Leste Europeu, articulada pelas categorias geográficas de território e espaço, evidencia como a transformação da paisagem política e militar da região vai muito além da simples incorporação de novos membros. O território, nesse processo, atua como suporte material e simbólico da soberania e da capacidade defensiva, enquanto o espaço é entendido como campo relacional no qual se configuram fluxos, redes e estratégias de poder.

Essa expansão reflete uma estratégia deliberada de reordenação geopolítica que visa ampliar a profundidade territorial da OTAN e garantir uma presença permanente em regiões historicamente marcadas por rivalidades e tensões. A instalação de bases, o deslocamento de tropas e o controle dos fluxos logísticos compõem um mosaico complexo de territorialização que consolida o espaço do Leste Europeu como um eixo central da segurança europeia.

Ao mesmo tempo, essa dinâmica revela a ambivalência inerente à expansão. Embora promova a consolidação de regimes democráticos e alianças militares estáveis, ela também gera respostas adversas, sobretudo da Rússia, que percebe a ampliação da OTAN como uma ameaça direta aos seus espaços estratégicos. Essa reação desencadeia um ciclo de desconfiança e militarização crescente, tornando o espaço europeu um palco de contínua disputa pela definição das fronteiras de influência.

A partir de uma perspectiva crítica, é fundamental reconhecer que o poder geopolítico não se limita à posse física do território, mas se manifesta no controle e na gestão dos espaços estratégicos que articulam múltiplas escalas de relações políticas, econômicas e militares. Assim, a expansão da OTAN para o Leste Europeu exemplifica como a geografia política contemporânea se constrói pela interdependência entre território e espaço, demandando análises que integrem ambos para compreender os processos de poder global.

Compreende-se que, diante dos desafios futuros, torna-se urgente refletir sobre a necessidade de fórmulas de segurança cooperativa que superem a lógica de confrontação territorializada, buscando modelos que conciliem soberania nacional, estabilidade regional e governança compartilhada do espaço europeu. A superação das tensões geopolíticas dependerá, em grande medida, da capacidade de reconceituar território e espaço para além dos paradigmas tradicionais, promovendo a construção de um sistema internacional mais pacífico.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro, por meio da bolsa de mestrado, e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) pelo suporte acadêmico.

Referências

BERTAZZO, J. **Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU**. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 91-119, jan./jun. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cint/a/LTqqMy7wXKhdVdcdHCJt7CS/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. New York: Basic Books, 1997.

FERNANDES, A.; SILVEIRA, M. C. B. Expansão da OTAN Pós-Fim da URSS: Impactos para Segurança Russa e Geopolítica Global. **Boletim do Tempo Presente**, [S. l.], v. 12, n. 06, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/19482>. Acesso em: 02 ago. 2025.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012. Disponível em:



https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+evolu%C3%A7%C3%A3o+do+conceito+de+territ%C3%B3rio.+Boletim+campineiro+de+Geografia&btnG=. Acesso em: 12 ago. 2025.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, v. 16, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/download/52673370/haesbaert_dos_multiplos_territorios.pdf Acesso em: 14 ago. 2025.

HUNTER, R. E. **The European Security and Defense Policy: NATO's Companion-Or Competitor?**. Rand Corporation, 2002. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/trecms/pdf/AD1147600.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LOPES, M. **Assurance Measures: A solução para a estabilidade no flanco ESTE da Europa?**. 2017.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, London, v. 23, n. 4, p. 421-437, 1904.

MAZAT, N.; SERRANO, F. A geopolítica das relações entre a Federação Russa e os EUA: da “cooperação” ao conflito. **Revista Oikos**. Niterói, v. 1, pág. 5-35, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/download/31018225/geopolitica_russia_Fraklin_Serrano_Numa_Mazat.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

MIELNICZUK, F. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. **Contexto internacional**, v. 28, p. 223-258, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/5KxWrYnRR4XNzqqhwxKyDkB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2025.

OTAN. **Base de defesa antimísseis da OTAN na Polônia agora pronta para a missão**. Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2024. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/search.htm?query=https%3A%2F%2Fwww.nato.int%2Fcps%2Fen%2Fnatohq%2Fnews_227649.htm&submitSearch= . Acesso em: 20 set. 2025.

PALAVENIS, D. NATO enhanced forward presence in the Baltics: The nexus between the host and the framework nation. **Security and Defence Quarterly**, v. 49, n. 1, p. 74-97, 2025. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=1332508>. Acesso em: 05 ago. 2025.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 17-35, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+produ%C3%A7%C3%A3o+das+estruturas+territoriais+e+sua+representa%C3%A7%C3%A3o&btnG=. Acesso em: 11 ago. 2025.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 29 – 59.

SEGRILLO, A. A expansão da Otan ea Rússia: desvelando uma unlove story do pós-Guerra Fria à luz de fontes primárias. **Tempo**, v. 30, n. 1, p. e300110, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/r73Gtq4ZGVRsf4S7CRnhq6B/?lang=pt> . Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, P. A. M. O High North na estratégia norte-americana. **Oikos**, v. 16, n. 2, 2017.

SPYKMAN, N. J. **America's Strategy in World Politics**: The United States and the Balance of Power. New York: Harcourt, Brace and Company, 1942

TEIXEIRA, V. M. **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

TSYGANKOV, A. P. The Sources of Russia's Fear of NATO. **Communist and Post-Communist Studies**, vol. 51, no. 2, 2018, pp. 101–11. Disponivem em: JSTOR, <https://www.jstor.org/stable/48610517>. Acesso em: 22 set. 2025.

WITTMANN, B. K. NATO and security in the Baltic Sea region. **Yayasan Centrum Balticum**, v. 7, p. 15, 2022. Disponível em: https://www.centrumbalticum.org/files/5320/BSR_Policy_Briefing_7_2022.pdf. Acesso em 19 ago. 2025.

Recebido: 09/04/2026

Aprovado: 15/04/2026

Publicado: 30/04/2026

